



SEYMOUR-JONES, Carole
 Trad. de Cássio de Arantes
 Leite. Rio de Janeiro:
 Record, 2014. 640 p.

UMA RELAÇÃO PERIGOSA

[SIMONE DE BEAUVOIR E JEAN PAUL SARTRE]

A dangerous relationship

[Simone de Beauvoir e Jean Paul Sartre]

Marcos Palacios

Discorrendo sobre as relações entre biografia e ficção, a pesquisadora portuguesa Maria Antónia de Oliveira (2003) faz o seguinte comentário com relação às dificuldades inerentes à arte de biografar, quando as antinomias da “verdade dos fatos” e da “verdade da ficção” se confrontam na estrutura narrativa:

A verdade dos factos e a verdade da ficção são incompatíveis. No entanto, [o biógrafo] é agora mais do que nunca instado a combiná-las. De facto, parece ser a vida ficcional aquela que cada vez mais é para nós a vida mais real; ela concentra-se na personalidade, mais do

* Ph. D. em Sociologia pela *University of Liverpool* (Inglaterra). Professor Titular de Jornalismo na Universidade Federal da Bahia – Brasil e Catedrático Visitante na Universidade da Beira Interior (Portugal). *E-mail*: <palacios@ufba.br>.

Revisão técnica e ortográfica: o autor

Data da submissão: 19/novembro/2014

Data da aprovação: 8/fevereiro/2015

que na acção. Cada um de nós é mais Hamlet, Príncipe da Dinamarca, do que é John Smith, comerciante. Assim, a imaginação do biógrafo está sempre a ser estimulada a utilizar a arte do romancista para arranjar, sugerir e produzir efeitos dramáticos na exposição da vida privada. Mas se leva demasiado longe o uso da ficção, até ao ponto de desrespeitar a verdade, ou de a apresentar de forma incongruente, perde os dois universos: deixa de possuir tanto a liberdade da ficção como a substância dos factos.¹

No caso de *Uma relação perigosa*, escrito originalmente em 2009 e agora traduzido para o português, Carole Seymour-Jones teve que enfrentar uma dificuldade adicional: seus dois biografados – Jean Paul Sartre e Simone de Beauvoir – costumavam ater-se mais à verdade dos fatos quando faziam ficção do que quando escreviam seus diários e (auto)biografias. O destrinchar do que há de verdade e do que há de fantasia na ficção, nas cartas, no diarismo e nos ensaios dos dois personagens é uma das proezas realizadas pela autora, ao longo dessas mais de 600 páginas de biografias paralelas.

Para complicar ainda mais o cenário, a produção filosófica dos dois pensadores – o Existencialismo – é igualmente inseparável da ficção que produzem e do estilo de vida que adotam. “*A existência precede a essência*” era o lema que lhes servia de alicerce para um modo de pensar e de ser. Um labiríntico mosaico ficcional-existencial-filosófico desdobra-se e é explorado com minúcia de detalhes. Enriquecido por um amplo levantamento documental e complementado por entrevistas realizadas pela autora, o resultado é um gigantesco painel da vida de Sartre e Simone de Beauvoir, do nascimento à morte, composto por encontros e desencontros, traições, libertinagem, sedução, pedofilia. A obra pode ser muito adequadamente descrita como uma biografia abertamente *voyeurista* de dois dos maiores pensadores do século 20.

Uma relação perigosa é a terceira incursão de Seymour-Jones no gênero biográfico. A escritora galesa, que é também colaboradora do *New Statesman* e do *Times Higher Education Supplement*, havia produzido anteriormente *Beatrice Webb: a life* (1992) e *Painted Shadow: the life of Vivienne Eliot*, primeira esposa de T. S. Eliot, que ela escreveu enquanto era *visiting fellow* na University of Texas (Austin), em 2001.

¹ Oliveira, Maria Antónia. Biografia & Ficção. *Revista de Comunicação e Linguagem*, n. 32, 2003. Disponível em: <<http://sindicato.biz/antonia/trabalhos-work/biografia-ficcao-revista-de-comunicacao-e-linguagens-n%C2%BA-32-ficcoes-lisboa-centro-de-estudos-de-comunicacao-e-linguagens-universidade-nova>>. Acesso em: 18 nov. 2014.

Duas perguntas-chave guiam o texto: a primeira é tentar saber “quão grande fora a influência da vida privada sobre a pública, do sexo sobre a política? Teria Sartre [...] mudado de estilo cada vez que mudava de mulher?” A segunda é avaliar “qual fora o impacto da celebridade, o novo monstro pós-guerra que o casal tão avidamente cortejara até chegar o momento de começar a ser devorado por ele?” (p. 15).

O livro está estruturado em cinco partes: A busca da felicidade (1905-1938); Os anos negros (1939-1944); Écrivains engagés (1945-1956); Falsos deuses (1952-1968) e A cerimônia do adeus (1969-1986). Do imenso apetite de Sartre por jovens mulheres virgens, uísque, vodca e anfetaminas, sua resistência aos banhos e descaso com a limpeza corporal, às aventuras de Simone na sua “fluidez sexual” (p. 16) e na sedução de suas alunas adolescentes nos liceus franceses onde ensinou, a biografia paralela desvela com detalhes – algumas vezes quase escatológicos – uma história de cumplicidade entre dois seres humanos que, durante mais de 50 anos, procuraram viver de acordo com um pacto básico celebrado em 1929: “*Toi et moi, on ne fait qu’un*”. [Você e eu somos um só.] Resultou daí uma relação mantida por mais de meio século, extremamente problemática e conflituosa, mas que, em muitos aspectos, prenunciou a revolução sexual que só ocorreria a partir de meados da década dos 60 do séc. 20.

Se o mito de uma relação aberta e isenta de ciúmes entre os dois não resiste ao mínimo escrutínio, o fato é que, para as muitas outras pessoas que gravitaram em torno do casal, a cumplicidade entre eles se fez sempre presente e se impôs, em última instância. Todos que se aproximaram e conviveram com eles acabaram levando a pior, pelo menos no que diz respeito ao plano afetivo. Seymour-Jones quer fazer ouvir essas “outras vozes” obstruídas “perdidas para o registro [...] amantes derrotados, rejeitados, às vezes suicidas, do lado masculino e feminino, sacrificados aos interesses da parceria Sartre/Beauvoir”. (p. 15). A grande exceção, nesse sentido, talvez tenha sido Nelson Algren, o amante norte-americano de Simone nos anos do pós-guerra, seu “doce crocodilo” como ela o chamava, o homem que a fez, pela primeira vez em sua vida, de fato florescer como mulher e parceira heterossexual e que a levou ao seu “primeiro orgasmo completo”. (p. 372). Um simples passar de olhos pelas fotos que acompanham a biografia e que ilustram momentos íntimos de Algren e Simone nos Estados Unidos fornece um cabal testemunho visual desse desabrochar feminino, que volta somente à tona, brevemente, quando mais tarde Simone, então com 44 anos, estabelece uma relação de curta duração com Claude Lanzmann, “um jornalista moreno, bem-apegoado e 17 anos mais novo que ela”. (p. 413).

Saymour-Jones faz ampla justiça ao lugar ocupado por Simone na relação intelectual desenvolvida pelo casal e no conjunto da obra produzida por eles, mostrando a atuação fundamental de Beauvoir como crítica e até mesmo orientadora do pensamento sartreano. Fortemente ressaltados estão também o pioneirismo e a demarcação de espaço para a crítica e a elaboração intelectual de dois temas essenciais de nossa contemporaneidade – o feminino e a velhice – iluminados de forma incontornável pelo *O segundo sexo* (1949) e *A Velhice* (1970). Somente em 1969, quando *O segundo sexo* é traduzido para o inglês e vende 750 mil exemplares nos Estados Unidos, sendo saudado como uma bíblia pelas feministas (p. 477), a despeito de críticas e reservas ulteriores (p. 505), fica claro o quanto a obra havia sido avançada para sua época. E Seymour-Jones chega mesmo a arrematar, com o que talvez constitua a tese mais importante do livro, que “a lenda de que Beauvoir era discípula de Sartre merece ser virada de cabeça para baixo: ele foi meramente o canal de um esforço compartilhado”. (p. 256).

Para além do *voyeurismo*, no entanto, *Uma relação perigosa* não só consegue, com muita maestria e habilidade literária, situar os biografados no panorama cultural francês e mundial do século 20, como também produz uma instigante leitura e uma interpretação muito pouco amigável de duas fases altamente problemáticas na trajetória do casal: seus posicionamentos e ações durante a ocupação nazista da França e, posteriormente, suas relações com o comunismo e a União Soviética.

No que diz respeito à posição de ambos durante a Segunda Guerra e a ocupação, o livro ecoa teses defendidas em *Le chagrin et la pitié*, documentário de Marcel Ophuls, realizado entre 1971-1972, que investigou o colaboracionismo francês e desnudou o mito de uma *nation resistente*, criado pelo gaullismo. Ao contrário do posicionamento supostamente *resistant*, que emerge dos escritos e entrevistas de Sartre e Simone no pós-guerra, o retrato esboçado por Seymour-Jones fica longe de qualquer tom cor-de-rosa, menos ainda vermelho. Ela descreve a atuação do casal durante a ocupação, como muito mais hesitante do que *resistente*, no limite, simplesmente *opportunist*.

Não há dúvida de que a repressão durante a ocupação na França fez crescer a produção da dupla Sartre-Beauvoir de modo fenomenal, espicaça Seymour-Jones: “À medida que os judeus eram deportados e os comunistas se juntavam à Resistência, a elite intelectual minguava. A falta de competição ofereceu oportunidades sem precedentes para os escritores remanescentes.” (p. 299). Nem Sartre, nem Simone levantaram sua voz quando o transporte massivo dos judeus “estrangeiros” da França para campos de extermínio foi iniciado, e Seymour-Jones diz que é “difícil evitar a conclusão de que o

autor de *Réflexions sur la question juive* não fosse ele próprio, nesse período, um antisemita”. (p. 12).

“Nunca fomos mais livres do que durante a Ocupação”, escreveu Sartre em 1944. (p. 299). Ele qualifica sua afirmação explicando que “as circunstâncias geralmente assustadoras de nossa luta nos permitiriam viver, sem disfarce e plenamente expostos, essa situação pavorosa, insuportável, que chamamos de condição humana”. (p. 299). Mas Seymour-Jones faz questão de esclarecer, citando Boris Vian, que “enquanto isso, no elitizado [*Café Flore*, as pessoas viviam alegres e criavam a atmosfera de um clube do qual teria sido embaraçoso ser deixado de fora”. Em suma, “as condições eram bem melhores do que o modo como Sartre as pintava” e “a fama que ambos almejavam estava prestes a ser derramada sobre eles num jorro de glória”. (p. 299).

Simone teve, de fato, que enfrentar uma forte pressão durante a ocupação, mas o que estava em causa não eram suas ideias ou posições políticas, mas a denúncia feita contra ela às autoridades educacionais pela mãe de Nathalie Sorokin, em 1943, por corrupção de menores. “Nathalie, com 19 anos de idade, que Beauvoir conhecera desde 1938, quando estava no Lycée Molière, certamente fora seduzida por sua professora, e seu interesse na aluna era pedófilo por natureza.” (p. 299).

Segundo Seymour-Jones, o posicionamento *resistente* de Sartre foi tardio e só ocorreu “à medida que o desembarque na Normandia se aproximava e os mapas pichados nos muros de Paris mostravam a “lesma” dos Exércitos aliados arrastando-se na direção de Roma [...]. Sartre acordava para o fato de que estava mais do que na hora de mudar”. (p. 314).

Tampouco muito positiva é a imagem que emerge do casal no tocante a seus posicionamentos em relação ao socialismo, ao Partido Comunista Francês (PCF) e à União Soviética, dos quais se aproximaram também tardiamente, a partir de acontecimentos relacionados com a Guerra de Libertação da Argélia. As viagens à União Soviética (uma em 1954 e três em 1962), a convite oficial, estão fortemente marcadas pelo relacionamento amoroso de Sartre com Lena Zonina, sua guia, intérprete e funcionária da KGB. Sua declaração de que “*La liberté de critique est totale en URSS*” [A liberdade de crítica é total na URSS] seria, mais tarde, desmentida por ele próprio quando admitiu: “Obviamente, isso ainda não é verdade. Mas se você espera que seja, precisa ajudá-los.” (p. 419).

Seriam Sartre e Simone, nesse período, realmente apenas “idiotas úteis”, manipulados pelos interesses soviéticos, como sintetizou Oleg Gordievsky, ex-Coronel da KGB, em 2006? (p. 453). Seymour-Jones ameniza as críticas ao afirmar que “[Em defesa de Sartre], verdade seja dita, sua intenção de trabalhar pela paz e coexistência cultural era sincera e de coração” (p. 462)

e coloca sob luz positiva e libertária a atuação de ambos no caso da censura gaullista ao jornal maoista *La Cause Du Peuple*, no bojo dos acontecimentos que se precipitaram a partir do maio de 1968, na França. Porém, e talvez em seu momento de maior simplificação, diz acreditar que “por estar procurando um substituto para o cristianismo [Sartre] encontrou o comunismo, a grande ilusão do século 20, ao qual se agarrou com todo o fervor de um convertido”. (p. 17).

A parte final da biografia descreve a deterioração física e mental de Sartre e suas vacilações intelectuais, inclusive na questão central do ateísmo, elemento fundamental na construção de seu pensamento filosófico. (p. 511). O *Adieux* não chega a ser chocante para quem já leu *A cerimônia do adeus* de Beauvoir. Uma vez mais a figura dessa mulher emerge maiúscula e dominadora nos anos finais da *Relação perigosa*.

Baseado fortemente em documentação primária, que somente se tornou pública nos últimos 10 ou 15 anos, e em depoimentos de testemunhas colhidos pela autora, essa é, declaradamente, uma “biografia revisionista”, que não se preocupa com a aura de ícones intocáveis do século 20 criada em torno dos dois personagens. É, também, por outro lado, uma leitura apaixonada dessas duas vidas, e Seymour-Jones deixa claro que seria um erro “supor que [sua] admiração tanto por Sartre como por Beauvoir, que está na gênese desta biografia, sofreu algum tipo de desgaste”. (p. 17).

Um livro essencial às gerações que viveram o século 20 e foram formadas na ebulição daquelas ideias. Um livro essencial para os que vieram e virão depois e queiram compreender aquele século e suas tantas contradições.